



## **COTIDIANO, INTIMIDADE E SEGREDOS EM *CADERNO* *PROIBIDO*, DE ALBA CÉSPEDES**

Anna Carolina Deodato\*<sup>1</sup>

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

e-mail: annadeodato@gmail.com

*"[...] e desde que se limite a escrever bilhetinhos,  
ninguém tampouco objetará que uma mulher escreva"*  
(Virginia Woolf)

Narrada em primeira pessoa a partir de um registro íntimo, *Caderno Proibido* (2022), da italiana Alba Céspedes, é a escrita diarística de uma mulher de classe média no período pós-guerra, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras. Originalmente publicado por partes, semanalmente, alcançou a publicação e o mercado editorial italiano em 1952, chegando ao Brasil pela tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo somente em maio de 2022. O início dos registros acontece quando Valeria Cossati, mulher comum de classe média, sai para comprar cigarros para o marido e se depara com um caderno de capa preta à venda - item que, pelas normas da Roma de 1950, é proibido de ser comercializado aos domingos. Burlando as normas, a mulher adquire o caderno e o torna seu diário.

Compreendemos o diário como um suporte, amplamente utilizado para guardar lembranças, um modo de literatura íntima, autobiográfica, no qual normalmente registram-se notas particulares ou conectadas ao cotidiano de quem escreve. É um gênero que independe da idade, momento de vida ou qualquer outro traço da pessoa que escreve. No entanto, conforme acentua Philippe Lejeune (2008), há mais chances de se começar um diário na adolescência e principalmente por meninas. Já para Alan Corbin (1991), o diário é

<sup>1</sup> Doutoranda em literatura comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



a escrita de uma voz deslocada: “com frequência mal inserida na sociedade onde foi chamada a viver, a autora de um diário sofre por não poder comunicar-se” (CORBIN, 1991, p. 458).

As angústias iniciais da personagem central de *Caderno proibido* nos remetem quase que de imediato ao clássico *Um teto todo seu* (1929), ensaio da escritora inglesa Virginia Woolf. Tal associação é apreendida aos sermos apresentados à inexistência de um espaço pessoal no qual Valeria possa escrever com tranquilidade, ou até mesmo manter a privacidade das páginas escritas. O texto de Woolf foi inicialmente transmitido como uma conferência proferida na Universidade de Cambridge, em 1928. Nele, a escritora nos traz um pequeno relato de quando caminhava pelo gramado do campus da universidade e foi severamente advertida de que apenas homens poderiam caminhar pela grama: às mulheres, reservava-se o cascalho.

Escrita vinte anos depois do ensaio de Woolf, a narrativa de Céspedes nos mostra Valeria, mulher que se arrisca na escrita, universo comumente tido como masculino, não satisfeita em manter-se somente no cascalho das trivialidades domésticas. Orgulhosa da própria iniciativa, a mulher escreve seu nome na capa do caderno. Um ato aparentemente banal revela um avanço em sua história, uma vez que a personagem nos confessa, gradualmente, ter perdido a própria identidade no decorrer do casamento. Seu marido era o único que ainda a chamava pelo nome, mas, conforme os dois filhos do casal crescem, o homem passa a chamá-la apenas de “mamãe”. A percepção dessa ausência de um espaço particular e da própria individualidade advém da escrita íntima: é a partir dela que Valeria se percebe de tal modo explorada e invadida, que a percepção que temos é que se trata de mais uma área comum da casa e não de um indivíduo com necessidades e vontades próprias.

Por mais de duas semanas mantive o caderno escondido, sem poder escrever nele. Desde o primeiro dia foi muito difícil mudar de esconderijo o tempo todo, encontrar lugares onde não fosse logo descoberto. Se fosse achado, Riccardo o usaria para suas anotações na universidade, e Mirella para escrever o diário que mantém trancado à chave em sua gaveta. Eu poderia dizer que é meu, ficar com ele, mas deveria justificar seu uso (CÉSPEDES, 2022, p. 11).

O termo “diário” pode significar “em primeiro lugar, que é uma escrita quotidiana: uma série de vestígios datados” (LEJEUNE, 2008, p. 259). Em meio a uma vida comum, Valeria coleta certos fragmentos, vestígios, que considera preciosos e dignos de registro, imprimindo ao cotidiano significados que, antes do hábito da escrita, passariam



despercebidos. É o relato de uma mulher que se percebe conduzida pela sociedade, anestesiada pelo peso das expectativas depositadas sobre ela.

Antes, eu esquecia rápido o que acontecia em casa; mas agora, desde que comecei a anotar os eventos cotidianos, mantenho-os na memória e tento compreender por que se produziram. Se é verdade que a presença oculta deste caderno dá um sabor novo à minha vida, devo reconhecer que não serve para torna-la mais feliz (CÉSPEDES, 2022, p. 23).

O trabalho de elaboração do cotidiano guiado pela preocupação – preocupação com os filhos, com os conflitos geracionais que afligem a família, com o trabalho doméstico e no escritório, com os papéis de esposa e mãe – norteia a personagem em uma jornada de autoconhecimento e transformação. Valeria passa de uma escrita tímida (considerava não haver nada de relevante para registrar) para uma escrita cada vez mais firme e constante. Reflexo de uma Europa fragilizada que se refaz após a guerra, Valeria se percebe livre para expressar pensamentos e reflexões cotidianas: liberdade que resultará em consequências que ela ainda não sabe prever.

## REFERÊNCIAS

CÉSPEDES, Alba. **Caderno Proibido**. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CORBIN, Alan. Os Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.) **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, v.4, p.413-563.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

